

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS**

BRUNA SIERPINSKI TRENTO

O fogo vivo do texto:
um ensaio sobre a leitura na sociedade do cansaço

FELIZ, RS

2024

BRUNA SIERPINSKI TRENTO

O fogo vivo do texto:
um ensaio sobre a leitura na sociedade do cansaço

Trabalho de conclusão de curso de
Graduação apresentado como requisito
Parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras - Português e Inglês
pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul
- Campus Feliz.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Moraes

FELIZ, RS

2024

BRUNA SIERPINSKI TRENTO

O fogo vivo do texto:

um ensaio sobre a leitura na sociedade do cansaço

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras - Português e Inglês pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Feliz.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Moraes

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Tiago de Moraes

Profa. Dra. Monica Chagas da Costa

Prof. Me. Luccas Bach

FELIZ, RS

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesma por não ter desistido, por ter sido forte e ter chegado até aqui.

Agradeço a minha querida mãe, que entre surtos e choros, esteve sempre me ouvindo e dando dicas espirituais para que eu conseguisse escrever.

Agradeço a minha amiga e companheira de curso, Monica, que durante toda a graduação foi minha parceira, minha conselheira, que é também alguém que admiro pela dedicação, empatia, e força.

Agradeço a minha família, em especial meu companheiro e minha filha, um dos motivos por eu seguir viva e lutando.

Agradeço a todas as políticas públicas criadas no governo Lula para que fosse possível o acesso à educação, sem isto, meu sonho de concluir uma graduação jamais seria possível.

Um grande agradecimento aos professores do Instituto Federal que fizeram parte da minha formação docente, e principalmente ao Professor Tiago; considero minha vida antes dele e depois dele, um ser humano maravilhoso, sensível, incrível.

E, por fim, agradeço a todas as entidades espirituais convocadas durante o processo de escrita, rezei até para a Santa Clarice Lispector, todos os incensos e orações feitas não foram em vão.

Prológo

Eu não tinha livros quando era criança. Quando fiz sete anos, minha mãe conseguiu uma bolsa em uma escola de ballet, que ficava no centro da cidade. Para ir e voltar às aulas eu precisava ir a pé e sozinha, sim, sozinha, com sete, oito anos. Não me recordo como foi, apenas lembro que comecei a frequentar uma biblioteca que havia perto da escola de ballet. Depois das aulas, eu passava meu tempo na biblioteca olhando os livros infantis. Um dia a bibliotecária disse que eu poderia fazer meu cadastro e que poderia retirar livros para levar para casa, lembro também de levar o comprovante de endereço e moedas para pagar a inscrição (e sim, tudo isso sozinha). Poder pegar livros para levar para casa era legal, mas o que eu gostava mesmo era de passar meu tempo pós-ballet na biblioteca, olhando e lendo os livros naquele ambiente, olhando todos os detalhes de um único livro. Eu não ganhava livros infantis quando criança, a condição financeira dos meus pais não possibilitava que eu pudesse tê-los.

Na adolescência e no final do ensino fundamental, eu tive uma professora que sempre levava a turma à biblioteca, lembro-me de pegar livros correspondentes à minha idade: *Meu primeiro amor*, *Coisas que toda garota deve saber* etc. Um dia essa professora me indicou um livro chamado *Uma queda para o alto*, do escritor Anderson Herzer, sobre um menino transexual que foi preso na antiga Febem. Nunca consegui ler o final do livro, nem sei mais o nome da professora, contudo, sei que ela foi parte importante do meu processo como leitora.

Quando cheguei ao ensino médio, precisei estudar no período noturno para poder ajudar minha mãe, eu precisava trabalhar e cuidar das minhas irmãs, não havia ajuda paterna, logo, com tantas demandas, não havia tempo, nem dinheiro para leituras e livros. Nessa época, tive uma queda por um moço que era escritor, um leitor voraz de Dostoiévski. Eu nunca tinha ouvido falar desse escritor, só tive a certeza de que eu precisava ler. Fui à biblioteca da escola em que eu estudava à noite, e a bibliotecária disse “você é a única aluna da noite que veio aqui”. Fui lá à procura de Dostoiévski, e achei. Achei *Humilhados e Ofendidos*, retirei o livro sem saber do que

se tratava, apenas para ler o mesmo autor que aquele moço que eu gostava. Eu fazia estágio na prefeitura, e nos momentos que tinha livre, eu lia. Ler aquele livro, daquele autor, despertou em mim uma luz para uma nova dimensão, até então eu nem sabia que pobreza poderia ser retratada em livros, eu estava lendo e sentindo a dor das personagens, de um dos maiores escritores da literatura. A pequena paixão pelo moço foi embora, porém, a paixão por Dostoiévski e pela literatura permanece até hoje.

Desde então a literatura tornou-se um pedaço de mim, parte essencial da minha vida. Eu não poderia devorar livros quando quisesse, mas sentia fome de ler, e humildemente quero discordar do narrador de Clarice (Rodrigo S. M.), que escreveu no livro *A hora da estrela*: "...se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia..." (LISPECTOR, 1977, p. 27). Para ter fome de leitura, é preciso ter experimentado o gosto, ter provado o sabor que é sair de si por meio de palavras, ou até mesmo reconhecer a própria realidade em outras, como aconteceu comigo ao ler *Humilhados e Ofendidos*, pois te digo, Clarice, não é só a burguesia que precisa de uma válvula de escape, quem é pobre precisa muito mais, e talvez essa válvula de escape seja a força impulsionadora para continuar a viver, porque a vida fica muito melhor acompanhada de Clarice, de Dostoiévski...

Tornei-me mãe. Quando minha filha nasceu, eu tinha medo de não saber o que conversar com ela, também não conseguia fazer aquelas vozes infantis. Com uma semana de vida, fui com uma recém-nascida até a biblioteca pública fazer meu cadastro, e esse era nosso elo através da palavra, apenas para que ela ouvisse minha voz. Minha filha tem apenas quatro anos, mas sua coleção de livros é quase maior que a minha, e seu gosto pela leitura é tão grande quanto o meu.

RESUMO

Este trabalho se lança na jornada de (re)pensar a leitura em tempos em que o cansaço permeia nossas vidas e o anseio pela produtividade obscurece nosso desejo de contemplação. Dividido em três capítulos fragmentários, o que trago aqui são mais perguntas do que respostas. Com *Sociedade do cansaço*, de Byung-Chul Han, investigo como a exaustão e a pressão pelo desempenho afetam nossas vidas, limitando a capacidade dos sujeitos de fruir e contemplar o ato de ler, afinal, é um cansaço que transborda o corpo e afeta nosso espírito leitor. Com Roland Barthes, em *O prazer do texto*, faço um convite por meio de indagações: refletir a prática de leitura dentro do espaço escolar para além de uma ação que preencha burocraticamente o currículo, mas que extrapole as paredes da escola e faça parte da vida dos leitores em formação. Por fim, um questionário, que, desde relatos reais, é tomado como matéria para pensar a relação íntima e diversa entre leitura e sujeitos leitores. O que trago aqui é um mosaico de questionamentos – fruto de uma pesquisa bibliográfica – sem respostas definitivas. Um ensaio, portanto.

Palavras-chave: Leitura; Hábito de leitura; Sociedade do Cansaço; O prazer do texto; Prazer e fruição em sala de aula.

ABSTRACT

This work embarks on the journey of (re)thinking reading in times where fatigue permeates our lives and the desire for productivity obscures our yearning for contemplation. Divided into three fragmentary chapters, what I present here are more questions than answers. With Byung-Chul Han's "The Burnout Society," I investigate how exhaustion and the pressure to perform affect our lives, limiting individuals' ability to enjoy and contemplate the act of reading. This fatigue overflows the body and impacts our reading spirit. With Roland Barthes' "The Pleasure of the Text," I invite reflections through inquiries: considering the practice of reading within the school environment beyond a mere curricular obligation, aiming to extend beyond school walls and become part of the lives of emerging readers. Finally, a questionnaire, which, based on real-life accounts, serves as a means to contemplate the intimate and diverse relationship between reading and readers. What I present here is a mosaic of questions – the product of bibliographic research – without definitive answers. Therefore, an essay.

Keywords: Reading; Reading habits; The Burnout Society; The Pleasure of the Text; Pleasure and enjoyment in the classroom.

SUMÁRIO

[Introdução]

10

[Capítulo I: Um inferno enfeitado]

13

[Capítulo II: Fragmentos: O prazer do texto]

22

**[Capítulo III: Um questionário ou uma breve reflexão sobre a leitura com
relatos vivos]**

31

[Considerações finais]

43

[Referências]

44

INTRODUÇÃO

Como professora, leitora em formação e desde minha própria experiência de estar no mundo contemporâneo, uma das minhas preocupações é a prática da leitura em um tempo descrito por Byung-Chul Han como um período de violência neuronal. O filósofo aponta para uma sociedade permeada de estímulos que reduzem nosso foco e nossa capacidade de contemplação. Esses fenômenos do tempo presente deterioram nossa disponibilidade para a prática da leitura literária e a experiência da leitura por prazer?

O que proponho aqui não é trazer nenhuma afirmação categórica acerca do tema, e sim, questionamentos que possam manter acesa a chama do fogo da leitura. Através de capítulos fragmentários, tomo a forma de ensaio para compor esta pesquisa.

O ensaio [...] não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram (ADORNO, p. 16, 2003).

Com esta percepção de liberdade, me coloco como criança em processo de aprendizagem.

No primeiro capítulo, exploro com *Sociedade do Cansaço* (2015), obra escrita por Byung-Chul Han, sobre uma sociedade marcada por um cansaço coletivo, estruturada por uma era instantânea e multitarefa, que em decorrência da exigência pela superprodutividade, adoce os sujeitos, afetando os modos de viver. Diante deste contexto, como se transforma nossa relação com a leitura?

No segundo capítulo, junto com Roland Barthes, importante teórico da leitura, em *O prazer do Texto*, questiono nossa forma de nos relacionarmos com o texto, abordando a concepção de prazer do texto formulada por Barthes, a partir desta ideia de que do prazer, nasce a fruição, conceitos que podem ser apropriados para refletirmos o âmbito escolar.

Durante este percurso ensaístico, surgiu em mim a necessidade de ter relatos

vivos para escutar outras experiências de leitura, utilizei, então, o formato de questionário para ter acesso a distintas experiências de leitura, as respostas são dados que podem ser utilizados para continuar movimentando o tema.

Se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. - Clarice Lispector.¹

Eu acrescentaria: apesar de, se deve ler.

¹ LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 23.

Capítulo I

Um inferno enfeitado

... a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo (HAN, p. 37, 2015)

Byung-Chul Han - nascido na Coreia do Sul e radicado na Alemanha - é um filósofo e ensaísta que estuda e analisa os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea amalgamada ao capitalismo. Algumas de suas obras são: *A agonia de Eros*, *Sociedade da Transparência*, *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder* e *Sociedade do Cansaço*, em que teoriza sofrimentos psíquicos na contemporaneidade e imerge na busca de um entendimento sobre como se constituem os indivíduos contemporâneos. É em *Sociedade do Cansaço* que esta pesquisa busca aliar-se para pensar as práticas de leitura atuais e suas relações com o sujeito contemporâneo. Dessa forma, entro no texto de Han desde um questionamento: A leitura pode ser um espaço ativo de contemplação no qual suspendemos o andar acelerado em uma sociedade ativa que tende a aplastar o pensamento?

Cada época tem sua enfermidade, a época anterior a que vivemos era bacteriológica (imunológica, também é um termo utilizado durante a obra para tratar desta época). O diagnóstico de Han se faz desde uma construção metafórica em que ele usa o símbolo das epidemias que marcaram a história das sociedades humanas. Como quem lê um texto literário, podemos pensar na quase obviedade da simbologia com o universo das doenças: o indicativo de que vivemos em sociedades adoecidas. No período bacteriológico, havia uma distinção mais visível, talvez, entre o dentro e o fora, o amigo e inimigo; a ação coletiva era imunológica, de ataque e defesa. Byung-Chul Han aponta que a Guerra Fria adotou tal esquema imunológico, pois era

preciso vencer o socialismo em alta naquele momento. O comunismo era o inimigo, elemento a ser combatido. Pela defesa, afasta-se tudo que é estranho, a diferença deve ser eliminada em virtude de sua *alteridade* (HAN, p. 9, 2015) mesmo que este estranho não tivesse nenhuma intenção agressiva, parece que precisava ser eliminado somente pelo fato de ser estranho. A experiência da alteridade também é uma experiência do desconforto, do estranhamento, uma experiência necessária, que só acontece no contato com o outro. O autor afirma que durante a mudança de paradigma do século passado para cá, houve um processo de desaparecimento da alteridade, da estranheza; esses elementos passaram a ser tratados como a *diferença* e, aplastados, não causam mais reação imunológica, imigrante, por exemplo, que antes correspondia a um perigo real, passa a ser visto mais como um fardo do que como uma ameaça, uma atitude de negação diante daquilo que poderia causar desconforto, é como se precisássemos esterilizar as asperezas da realidade. O imunológico outro é o negativo, mas o negativo não é bem-vindo na sociedade positiva. O desaparecimento da alteridade significa que vivemos em uma época pobre de negatividade (HAN, p. 14, 2015); pobre, portanto, da diferença que desestabiliza e produz movimento. Han aponta que durante o período imunológico prevalecia a dialética da negatividade, fundamental à imunidade. Nossas defesas só serão ativadas se um corpo estranho adentrar nossas fronteiras.

No século XXI, porém, a enfermidade é neuronal, são doenças psíquicas como a depressão e a síndrome de *Burnout* que prescrevem a travessia do século passado com o atual. A diferença entra em jogo, mas já não faz adoecer, pois o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época fechada aos corpos estranhos que nos deslocam de nós mesmos. Poderíamos pensar aqui se uma das reações coletivas à pandemia – a de negação, naturalização e diminuição de seus impactos – não seria um excelente exemplo da força do aplastamento da alteridade que nos domina.

Byung-Chul Han reforça que os adoecimentos neuronais do século XXI são causados pelo excesso de positividade, ou seja, do excesso de estímulos, informações, notificações, imagens, sons e toda a ordem de novidades nascidas em profusão. A

violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual (HAN, p. 15, 2015). As doenças da atualidade não são assoladas por infecções que possam ser tratadas com técnicas imunológicas.

A violência viral, que continua seguindo o esquema imunológico de interior e exterior ou de próprio e outro, e pressupõe uma singularidade ou alteridade hostil ao sistema, não está mais em condições de descrever enfermidades neuronais como depressão, Síndrome de *Burnout* etc. A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. É antes uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema (HAN, p. 20, 2015).

Ou seja, as violências que afetam nossos corpos e nossas mentes, hoje, estariam circulando cotidianamente no tecido social que compõe nossas vidas. Assim como a sociedade não é mais imunológica, também não é mais disciplinar como a sociedade definida por Foucault: feita de asilos, presídios, quartéis e hospitais, substituídos por academias de ginástica, escritórios e bancos (HAN, p. 23, 2015), as barreiras que antes delimitavam o que é dentro e fora, normal e anormal tornam-se obsoletas. A sociedade agora é de desempenho, e os sujeitos são sujeitos de desempenho e produção, empresários de si mesmos, instituindo a ideia de que cada indivíduo é responsável pelo próprio sucesso, que deve ser administrador do próprio tempo, com o objetivo de maximizar a produção (HAN, p. 25, 2015). A passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho não é uma ruptura, e sim uma continuidade, o aumento da produtividade é o desenfreamento natural do capitalismo, o que difere agora é que não há mais um limite que estabeleça onde os sujeitos podem chegar, com o paradigma atual, não há proibições, somente o impulso para que se produza mais.

Ponderando a contemporaneidade acelerada descrita pelo autor coreano, qual seria o espaço da literatura que foge da lógica utilitária de produção, qual seria o espaço dos atos contemplativos dentro deste sistema em que os sujeitos são pressionados a produzir, a otimizar o tempo em prol de garantir que a engrenagem do capitalismo continue funcionando? Essa dinâmica social produz uma dinâmica

psíquica, que forja nos sujeitos do desempenho a sensação de que se não estiverem trabalhando, em hiperativa produção, se sentirão fracassados. Por esse caminho, podemos imaginar e também perceber na dinâmica social o quanto a prática contemplativa, o quanto o espaço-tempo para aprofundar-se e alongar-se é reprimido, impedido, extinto. O modo de existência acelerado produz sujeitos rasos.

Outro fator apontado pelo autor, em sua geografia de nosso tempo, é a ideia dos limites de que a oposição entre chefe e empregado torna-se difusa. O sujeito de desempenho tem a ilusão de ser soberano de si mesmo, de ser insubmisso, livre da exploração, porém,

o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência (HAN, p. 30, 2015)

Desde essa linha de pensamento, podemos pensar que cometer violência contra nós mesmos e não percebê-la seria uma das lógicas perversas de nossa contemporaneidade. O excesso de positividade, enquanto violência, é deteriorante pois, em seus excessos, modificando radicalmente a estrutura e economia da atenção, que se fragmenta e se destrói (HAN, p. 31, 2015). Essa deterioração aconteceria no processo de distribuição da atenção para várias atividades ao mesmo tempo, o que produziria subjetividades multitarefadas. Para o autor, isso não simboliza um fortalecimento do processo civilizatório, pelo contrário, produz-se uma espécie de embrutecimento. Han compara as dinâmicas multi-tarefas com a existência dos animais que vivem em estado de alerta em suas atividades, pois para se alimentarem, por exemplo, podem precisar estar atentos aos perigos em sua volta; Este estado de sobrevivência em múltiplos focos é indispensável para a sobrevivência do mundo animal, porém os animais não são capazes de entrar em estado contemplativo.

Com as recentes transformações sociais, o modo de contemplação da sociedade se fragilizou, assemelhando-se ao formato de vida selvagem em que a

preocupação é a sobrevivência. O modelo atual de sociedade tem pouca tolerância ao tédio, ao recolhimento, à pausa; sentir tédio causa culpa e a sensação de que é preciso estar produzindo. O tédio é um sentimento que, para o modelo vigente, não gera lucro, não traz benefícios; o tédio é entendido como negativo, também não é percebido como processo importante da criação. O autor traz o conceito de tédio desde o teórico literário Walter Benjamin:

O teórico chama a esse tédio profundo de um “pássaro onírico que choca o ovo da experiência”. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin lamenta que esse ninho de descanso e repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. (HAN, p. 34, 2015)

Em uma era de entretenimento instantâneo, não há espaço para o tédio, ele é facilmente suprimido pela rapidez de acesso às tecnologias, e até mesmo este ato de prazer instantâneo em momentos de lazer produz lucros ao sistema capitalista.

Ocorre-me enquanto leio novamente o texto de Han, uma cena vivenciada em uma aula de Língua Inglesa que dou em uma escola de cursos profissionalizantes; Uma das estudantes (leitora assídua), frequentemente gosta de compartilhar os livros que está lendo. Nessa aula, ela mostrou a leitura do momento, em que há uma adaptação para o cinema “A menina que roubava livros”, um livro que é relativamente longo, uma outra estudante comentou que gostou tanto da obra escrita, quanto da adaptação audiovisual, a menina leitora disse que não gosta de filmes, por fim, uma terceira estudante comentou que prefere assistir filmes, pois são mais rápidos (todo este diálogo aconteceu de forma rápida, pois as três estudantes citadas não têm o hábito de conversarem entre si). O modo de apreciar arte torna-se igualmente acelerado. A cultura pressupõe um ambiente onde seja uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (HAN, p. 33, 2015).

A contemplação é dicotômica ao modo acelerado de existência na contemporaneidade, a capacidade contemplativa proporciona observar o que escapa

na hiperatividade, de certo modo, saímos de nós, mergulhando nas coisas (HAN, p. 36, 2015). O ato de ler é também um ato de contemplação, um momento de alteridade (a experiência do outro) em que o leitor submerge em outras dimensões que não as suas, um deslocamento do excesso do eu. Isso não necessariamente gera um efeito imediato em seu contexto de trabalho ou frutos materiais, porém, a leitura além de ser um ato contemplativo pode ser também um momento de lazer.

Quem se entedia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se aprofundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante ao tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entedia. Assim, ele será impulsionado a procurar algo novo. O correr ou cavalgar não é um modo de andar novo. É um andar acelerado (HAN, p. 35, 2015).

A leitura, portanto, pode agir como um encontro genuíno consigo mesmo, uma vez que, diante desta sociedade teorizada por Han, também parece haver um certo medo em parar para encontrar com o próprio eu (mesmo sendo uma sociedade em que o foco é o indivíduo, mas não o indivíduo contemplativo, e sim o produtivo), a leitura também pode impulsionar a experiência de sermos transportados a outros universos, à realidades que a literatura pode propiciar, movimento este, que nos desvia da vida sujeitada às demandas do capitalismo. A leitura constrói um espaço entre o imaginário e o real, desmonta a clássica oposição binária entre ilusão e realidade.

Em contraste com Han, o autor traz Hannah Arendt, filósofa e teórica política contemporânea, em que elabora o conceito *animal laborans* em seu livro *A condição humana* (1958), a autora afirma que a sociedade e suas ações decaem ao patamar do trabalho:

Ela admite que todas as atividades humanas, basta que sejam observadas a partir de um ponto suficientemente distanciado do universo, não mais pareceriam como atividades, mas como processos biológicos. Assim, por exemplo, para um observador do espaço, a motorização portar-se-ia como um processo de mutação biológico em cujo decurso o corpo humano, como faz o caracol, se recobre de uma casa de metal, e como fazem as bactérias reagindo aos antibióticos ao se modificarem em espécies mais resistentes

(HAN, p. 43, 2015).

O *animal laborans* apresentado por Hannah Arendt, limitado ao nível do trabalho, suprime o estado contemplativo. O autor se opõe a tal definição, o sujeito (*animal laborans*) pós-moderno não abandona sua individualidade em virtude do trabalho, pois ele é tão provido de ego a ponto de quase dilacerar-se (HAN, p. 43, 2015). Característica essencial do neoliberalismo consiste na valorização do *eu* como um indivíduo único responsável pela sua autogestão e os frutos que pode gerar, sem considerar a comunidade, política e outros fatores que compõem uma sociedade.

A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos” (HAN, 2015, p. 47).

Neste modelo, não há mais propriamente um ser outro, o senhorio, pressionando a produtividade, resultando a hiperatividade que causa a falta de contemplação e um medo absoluto de sentir tédio, e é precisamente à falta da capacidade de contemplação que a sociedade sucumbe com as doenças psíquicas.

O caso *Bartleby, o escrivão (uma história de Wall Street)*, escrito por Herman Melville, narra a curiosidade de um sócio de um escritório de advocacia em Nova York, em desvendar a vida do misterioso Bartleby, um escrivão que recusava realizar qualquer tarefa. A narrativa está repleta de melancolia, e relata a vida dos trabalhadores reduzidos a *animal laborans*, várias personagens são descritas com distúrbios neuróticos, no lado oposto está Bartleby, calado, petrificado, e constantemente respondendo “acho melhor não”, que por fim, acaba sucumbindo e morre em completo isolamento.

Este cenário descrito por Melville ainda é uma sociedade disciplinar, marcada por muros e proibições, o que acontece com Bartleby é que ele é um sujeito de

obediência. Ele ainda não desenvolveu sintomas daquela depressão que é uma marca característica da sociedade do desempenho pós-moderna (HAN, p. 62, 2015).

O que Han faz neste capítulo é contrapor-se ao filósofo Agamben, Han aponta que Agamben não leva em consideração o potencial que o trabalho (excessivo) tem de causar patologias. O que se normalizou atualmente é precisar trabalhar muito mais de 8 horas por dia para garantir o básico à sobrevivência.

Vivemos na sociedade do cansaço, esse é o imperativo tóxico de nosso tempo. Uma sociedade com meios paliativos (*doping*, como Han nomeia), que possibilita desempenho sem desempenho, através de remédios que não curam as doenças de nosso tempo, somente amenizam os sintomas.

O homem torna-se uma máquina de desempenho: em contraponto, a sociedade ativa gera um cansaço e um esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade, que é dominado por um excesso de positividade (HAN, p. 70, 2015).

O cansaço desta sociedade é solitário, não tem potência criadora, é uma negação do cansaço. O cansaço que inspira é um cansaço da potência negativa. Nesta sociedade ocidental, o livro mais importante é a Bíblia, livro este que guia um modelo de civilização. Na criação do mundo, ao sétimo dia, Deus nomeia como o *Dia Sagrado*, o dia do descanso, um dia no qual seria possível o uso do inútil (HAN, p. 76, 2015). O inútil nos é proibido como um pecado. O fardo de carregar dentro de si o peso de ser o único responsável pelo destino nos força a operarmos na dicotomia fracasso/conquista, termos completamente capitalistas. Mas, afinal, o que seria o sucesso? Sucesso de ser igual a todos, impessoal e genérico, na luta pelos mesmos objetivos materiais, que também são objetivos simbólicos produtores de uma noção de *status*: graduação, trabalho, patrimônio, dinheiro e outros fetiches. O capitalismo causa a ilusão de que o *eu* está no centro de tudo, e homogeniza os sujeitos em suas subjetividades. Esta lógica perversa afasta do que verdadeiramente pode transformar os sujeitos em indivíduos singulares, como a vivência da arte enquanto potência de transformação, mas sem o desejo imediato de que ela dê algum retorno material, que

coloque o indivíduo campo de *status* (o burguês culto) ou que resulte em melhoria no sujeito de desempenho.

Pense nisto: quando dão a você de presente um relógio, estão dando um pequeno inferno enfeitado, um acorrente de rosas, um calabouço de ar [...] não dão de presente somente este miúdo quebra-pedras que você atará ao pulso e levará passear [...] dão a você um novo pedaço frágil e precário de você mesmo, algo que lhe pertence mas não é seu corpo, que deve ser atado a seu corpo com sua correia como um bracinho desesperado pendurado a seu pulso. Dão necessidade de dar corda todos os dias, a obrigação de dar-lhe corda para que continue sendo um relógio; dão a obsessão de olhar a hora certa nas vitrines das joalherias, na notícia do rádio, no serviço telefônico. Dão o medo de perdê-lo, de que seja roubado, de que possa cair no chão e se quebrar. Dão sua marca e sua certeza de que é uma marca melhor do que as outras, dão o costume de comparar seu relógio a outros relógios. Não dão um relógio, o presente é você, é você que oferecem para o aniversário do relógio. (Júlio Cortázar, *Histórias de Cronópios e de famas*, trad. Glória Rodriguez. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013)

A sociedade do desempenho dá o relógio para os indivíduos, estes acreditam que dominam o próprio tempo e têm nas mãos o controle pleno de seus destinos, despolitizando todos os aspectos sociais, movendo para si mesmos, responsabilidades que são coletivas, resultando na sociedade do cansaço, este cansaço vazio e solitário.

Capítulo II

Fragmentos: O prazer do texto

“Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz.” (BARTHES, p. 47, 2015)

Por que eu quero (re)pensar o prazer da leitura em sala de aula? para insistir, no campo educativo, que tal prática não se restrinja à obrigatoriedade em preencher demandas curriculares (não estou apontando aqui como algo ruim, ou que eu não seja favorável, apenas frisando que a leitura não deva ser feita apenas para este fim), uma leitura que não se acabe no momento em que é feita, que não se acabe numa prova sobre o que foi lido, uma leitura que perpasse as paredes da sala de aula. Como professora e leitora em formação, não são quaisquer práticas de leitura que quero promover nos movimentos de ensino, mas investir em práticas que nos reeducam, que nos transformam.

Ao escrever e pesquisar sobre o tema, parece tão óbvio o que se tem a dizer sobre ler em sala de aula: os alunos não gostam, ler os clássicos afasta os estudantes das leituras, os alunos devem ler somente o que gostam e etc. Fugindo de todas estas reflexões clichês (apesar de terem sua validade), repensar o ato de ler (e as práticas de formação de leitores) é ainda sim uma questão que vale a pena discutir. Nada do que trato aqui tem a intenção de por pontos finais, de propor soluções prontas, ou de responder questões, o que tenho na verdade são mais perguntas do que respostas.

Pensando em práticas de leituras convencionais que circulam nas salas de aula, podemos inferir, em muitas práticas docentes, a ideia de que o entendimento de uma leitura deva ser consensual, o que escamoteia a experiência subjetiva dos sujeitos leitores. Perguntas gerais de interpretação (onde aconteceu tal situação, o que a personagem x disse à personagem y? etc) colocam os estudantes num lugar de passividade diante do texto lido. Em “O prazer do texto”, Barthes está na contramão de leitores passivos, o prazer do texto está na forma como nós lemos. Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto (BARTHES, p. 23,

2015). Barthes nos convida a considerar a leitura como uma fonte de prazer e de fruição.

Como não cair na obviedade de que ler é um prazer? E de que apenas causa prazer? A leitura precisa sempre causar prazer? E esse prazer só vai acontecer se a leitura for uma leitura que o aluno escolher? E se não causar prazer? O prazer só acontece se o estudante entender o que leu?

Meu prazer pode muito bem assumir uma forma de deriva. A deriva advém quando eu não respeito o todo

O prazer pode se manifestar como um desvio. Barthes compara com uma rolha flutuando no mar, a deriva acontece quando o leitor é levado pela sedução e pelas intimidações da linguagem, tal qual a rolha, imóvel, mas girando em torno da fruição que liga-o ao texto (ao mundo)². Entendo aqui a fruição como uma experiência irracional, que dá as costas às convenções. A noção de não respeitar o todo reforça o quanto a experiência da leitura é individual, pensando no contexto de sala de aula. Pensar na leitura como uma deriva, convida a mim, como professora, reduzir minha expectativa em esperar que os alunos entendam e recebam uma obra da mesma forma.

O prazer, entretanto, não é um elemento do texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica do entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionário e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum idioleto. Qualquer coisa de neutro? É fácil ver que o prazer do texto é escandaloso: não porque é imoral, mas porque é *atópico* (BARTHES, p. 30, 2015).

² BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

O prazer da leitura está nas rupturas

Escrevo isto logo após terminar o livro *O peso do pássaro morto*, escrito por Aline Bei (2017). É um romance com a forma em versos, não são linhas inteiras que completam as páginas, a forma é poética, mas narra a história de uma personagem que teve a vida permeada por sofrimentos. Barthes não separa a forma do conteúdo, na obra de Aline Bei, a forma é necessária para o conteúdo, a disposição das palavras usadas pela autora dão profundidade a frases ou cenas:

o Lucas e os amigos
bolaram um plano de matar
passarinhos,
eles gostam de ver
brutalmente interrompido
algo delicado que estava em
Movimento,
a pedra no céu
a pedra no estilingue
a pedra no corpo
o corpo
no chão e a pedra,
que já não interessa mais, cumpriu sua função de ponte. (BEI, 2017,p. 83).

Barthes nos diz, através de Sade, que o prazer da leitura vem de certas colisões entre códigos que seriam antipáticos, o pomposo e o que faz rir, entre o nobre e o trivial. Também na forma e conteúdo, há prazer nas quebras de expectativas formais da língua, a partir disso duas margens são traçadas: a margem sensata, que não rompe com a cultura, tal como é ensinada na escola, e uma margem móvel, apta a tomar não importa quais contornos, ambas as margens são necessárias! ³

³ BARTHES, p. 12, 2015.

Ou seja, temos *a margem da cultura* e *a margem subversiva*. Ao mesmo tempo que algo é desconstruído, algo permanece legível. A primeira margem é dada, a segunda margem é o leitor que constrói. O prazer do texto estaria no jogo entre as duas margens, na tradição e no rompimento, e na fenda que se abre entre elas (é a fenda entre elas que se torna erótica). A *fruição* de um texto estaria na desconstrução do confortável, na interação da dinâmica entre a subversão e a tradição, na apreciação da ruptura.

Texto de prazer:

Aquele que contenta, enche, dá euforia, aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Quanto mais cultura houver, maior e mais diverso será o prazer (BARTHES, p. 61, 2015).

Texto de fruição:

Aquele que põe em estado de perde, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, p. 21, 2015).

☆ Prazer (contentamento);

☆ Fruição (desvanecimento, desmoronamento); possibilidade do novo (não necessariamente inovador), mas uma estrutura desviante;

☆ Não há forçosamente acordo sobre os textos de prazer, o prazer de um texto pode ser instável, enquanto que a fruição arrebatada numa só vez.

É preciso ressaltar que Barthes não nos dá conceituações precisas de prazer e fruição, inclusive, ele aponta que precisa cair na contradição de suas definições, mas ambas não são separações binárias, ora o prazer é extensivo a fruição, ora é oposto. Sobre o prazer do texto, nenhuma “tese” é possível, apenas uma inspeção (uma introspecção) que acaba depressa. *Eppure si gaude!* E, no entanto, para e contra todos, eu fruo do texto (BARTHES, p. 42, 2015).

O prazer estaria na linguagem e a fruição o que entendemos dela? A fruição é a compreensão que transcende a palavra?

Tomar o prazer e a fruição como forças conflitantes me leva a pensar que a formação da leitura não é um processo pacífico, é também um lugar de contradição, quando Barthes chama o leitor de *anti-herói*, é porque ele tudo suporta, inclusive as contradições no momento em que se entrega ao prazer: *Jamais se desculpar, jamais se explicar*. Nunca ele (o prazer do texto) nega nada: “Desviarei meu olhar, será doravante minha única negação” (BARTHES, p. 7, 2015).

Como criar caminhos de formação de leitores com textos de fruição que muitas vezes vão desafiar os alunos? Se estes textos podem causar até mesmo tédio? e se os estudantes não aceitarem estes textos?

“Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente. Na clínica da arte de ler, nem sempre quem tem melhor visão lê melhor”⁴

Lembro-me de uma experiência de leitura durante o estágio supervisionado em Língua Portuguesa II, estágio realizado durante os momentos iniciais da escrita de trabalho de conclusão de curso. Em uma turma do terceiro ano do ensino médio, os estudantes fizeram uma leitura coletiva e em voz alta do conto “Venha ver o pôr do sol”, e ao fim da leitura muitos disseram não ter entendido o texto: como lidar com esta situação? Como não se frustrar diante de um “não entendi nada?”. Nada é garantido, e tudo bem, citando o Professor Tiago: não é de garantias que se faz educação, é de experimentação em experimentação.

⁴ PIGLIA, Ricardo. **O Último Leitor**. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

O texto é um objeto fetiche e esse fetiche me deseja

O texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas, o vocabulário, as referências, a legibilidade etc ⁵. Eu como leitora me entrego porque como criatura da linguagem eu amo as palavras, os saltos, os giros, frases, adjetivos, tenho necessidade da palavra. ⁶Clarice escreveu que escreve como se fosse salvar a própria vida, e eu leio porque preciso salvar a minha, desejo a palavra do outro.

O que eu admiro em um relato são as esfoladuras

A apreciação não está somente no conteúdo ou na estrutura, mas em como eu leio, em como me relaciono com o texto, é do ritmo daquilo que se lê que e do que não se lê, dos saltos impunes, que se produz o prazer dos grandes relatos ⁷. O prazer do texto é mais complexo que apenas desnudar o que se está lendo, envolve o entrelaçamento entre o leitor e a linguagem.

⁵ BARTHES, p. 33, 2015

⁶ LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 7.

⁷ BARTHES, p. 17, 2015

O texto tem necessidade de sua sombra

Barthes escreve sobre a exigência de textos cortados de ideologia, que é como querer um texto sem fecundidade, sem produtividade, um texto estéril⁸. Quando exigimos de um estudante que após ter lido alguma obra responda perguntas categóricas, não estaríamos fazendo o mesmo? Podando todas as ramificações de interpretações para que não haja sombra? Entendo que seja um caminho difícil, afinal, como avaliar quando vamos para este lado? “O texto é (deveria ser) essa pessoa desenvolta que mostra o traseiro ao Pai Político” (BARTHES, p. 63, 2015)

Não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras: sermos leitores *aristocráticos* (BARTHES, p. 19, 2015). Dentro do ambiente escolar, os professores devem ser uma grade curricular, cumprir metas em cada trimestre, aplicar provas, como conseguir, dentro deste cenário, fazer com que a leitura seja ruminada? Poder usufruir de uma obra de forma contemplativa exige tempo dentro da sala de aula, penso então como nós professores podemos usar este espaço para que ele seja o início de uma relação entre estudante (sujeito) e leitura que continue fora da escola, mas também, como romper com a ideia de que ler dentro da sala de aula não é agradável, que apenas ler fora da sala de aula traria prazer aos alunos? A relação entre aluno e leitura não deveria ser apenas de competência técnica, em que ele só irá encontrar respostas, mas, permitir que as leituras possam causar perguntas, desconfortos, reflexões, esfoladuras. *No prazer do texto nada é verdadeiramente antagonista, tudo é plural* (BARTHES, p. 40, 2015).

⁸ BARTHES, p. 41, 2015

Todo esforço consiste em fazer do texto um objeto de prazer como os outros

Como tornar o texto um objeto de prazer como os outros? Barthes convida a aproximar o texto da nossa vida, assim como comer um petisco, tornar um objeto que seja desejável, fazê-lo entrar no catálogo pessoal de nossas sensualidades (BARTHES, p. 69, 2015), e principalmente abolir a falsa ideia de uma oposição entre a vida prática e a vida contemplativa, a reivindicação do prazer do texto opõe-se a essa dicotomia.

Una Furtiva Lacrima

Quando eu li o livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector, dentre tantas cenas tocantes, a que eu lembro que mais me marcou foi um momento em que a personagem Macabéa conta para o Olímpico sobre uma música que ela ouviu no rádio:

- ... Eu também ouvi uma música linda, eu até chorei.

- Era samba?

- Acho que era. E cantada por um homem chamado Caruso que se diz que já morreu. A voz era tão macia que até doía ouvir. A música chamava-se “Uma Furtiva Lacrima”. Não sei porque eles não disseram lágrima.

“Uma Furtiva Lacrima” fora a única coisa belíssima na vida de Macabéa. Enxugando suas próprias lágrimas tentou cantar o que ouvira. Mas a sua voz era tão crua e desafinada como ela mesma era. Quando ouviu, começara a chorar. Era a primeira vez que chorava, não sabia que tinha tanta água nos olhos. Chorava, assoava o nariz, sem nem saber porque chorava. Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecidos outros modos de viver, aceitara que com ela era “assim”. Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com certo luxo de

alma. Muitas coisas que não sabia entender. (LISPECTOR, p. 46, 1977).

Mesmo sem entender o significado da música ouvida, Macabéa sente, através dela, que há algo muito maior, a protagonista se conecta com a canção de uma forma que ultrapassa a sua realidade, a música é seu elo com o mundo, é um modo de sentir que há outras existências, e talvez seja isso, que eu, como leitora e professora defendo quanto à prática de leitura: produção de outros modos de sentir. Atuar enquanto luta para que a leitura seja uma ponte para o mundo, para que o texto não seja apenas um instrumento, mas que seja uma presença viva.

Capítulo III

Um questionário

ou uma breve reflexão sobre a leitura com relatos vivos

Durante os movimentos de leitura e escrita desde o livro *A Sociedade do Cansaço*, a leitura e a escrita sobre o livro *Sociedade do cansaço*, achei pertinente buscar depoimentos vivos para o enriquecimento desta pesquisa, afinal, não há como falar em leitura sem falar dos leitores. Em consonância com a obra lida, formulei um questionário elaborado através da ferramenta *Google Forms*, com o objetivo de refletir sobre a leitura através de relatos de experiências com a leitura. Foram aplicadas, ao total, 10 perguntas, com 52 respondentes de várias regiões do país, desde o Sul até o Norte, com idades que variam entre 16 a 67 anos. A coleta do questionário ocorreu através de dois eixos: 1) disparado em grupos de *Whatsapp* e 2) realizado com uma turma do Terceiro Ano do Ensino Médio do Técnico em Informática do IFRS - Campus Feliz no segundo semestre do ano letivo de 2023.

Há certos discursos exaustivamente repetidos que os cidadãos brasileiros não leem, ou não se interessam pela leitura. No entanto, ao ler as respostas de tantas pessoas, chego à conclusão, aqui formulada como hipótese, de que é preciso ter cautela com os discursos que produzem afirmações genéricas e totalizantes sobre os leitores (ou sobre a escassez de leitores). Esse movimento de pesquisa nos dá a pensar sobre a pluralidade das experiências de leitura e da importância de uma escuta a diversidade dessas experiências também como forma de pensarmos a questão da formação de leitores na escola, entendida aqui como parte imprescindível da ação social de um professor ou professora.

Em “O prazer do texto”, Barthes observa que metade dos franceses não lê, ou melhor, se priva do prazer do texto, com um tom de consternação em sua contestação: Ora, nunca se deplora essa desgraça nacional a não ser de um ponto de vista humanista, como se, recusando o livro, os franceses renunciassem somente a um bem moral, a um valor nobre (BARTHES, p. 56, 2015). haveria também aqui um obscurantismo do prazer do texto? E que espaço temos para ter o texto como parte de

nossas vidas?

A primeira pergunta buscou investigar a relação dos entrevistados com a leitura. 34 respondentes disseram ter uma boa relação com a leitura, 8 respondentes disseram ter uma relação mediana, 5 disseram ter pouca relação com a leitura, 4 disseram que já liam mais do que atualmente, uma das justificativas dessa redução da leitura foi o fato de que a leitura se tornou obrigatória:

Era prazerosa, depois que passou a ser obrigatória (com livros técnicos) eu passei a dificuldade em manter o foco da leitura. (respondente 12)

Alguns respondentes citaram o estímulo familiar desde a infância, e como a leitura é também uma forma de manter um laço afetivo:

Tenho uma boa relação, ainda mais pois tenho muito incentivo da minha mãe. Desde pequena minhas recordações da infância são de, antes de dormir, minha mãe lendo histórias, era a melhor parte do meu dia. Hoje em dia temos metas de leitura juntas e tentamos sempre ler o mesmo livro para poder discutir sobre o que achamos. (respondente 23)

Sempre gostei muito de ler, minha família estimulou desde a infância, se tornou desde cedo algo prazeroso em minha vida. (respondente 52)

O ambiente familiar foi frequentemente citado no questionário. Este pequeno dado colhido nos remete ao livro *Formação da Leitura no Brasil* (2019), pois este fenômeno de um conjunto de pessoas unidas, na leitura, por parentesco tem um papel importante na construção da sociedade burguesa. Após o século XVII, dá-se início à supervalorização da família enquanto instituição, com a intenção de combater o feudalismo, o que seria útil para o novo modelo de estado burguês que estava se formando.

Como instituição, a família é imprescindível ao projeto burguês, por constituir ao mesmo tempo unidade e fragmento. Unidade porque apresenta laços sólidos, sustentados pela ideologia familista, que mistifica a maternidade, destaca o amor filial, invoca deveres entre pais e filhos, e sublinha o afeto entre seus membros; fragmento por resultar na desagregação dos grandes grupos que outrora se integrou (LAJOLO,

ZILBERMAN, p. 25, 2019)

A instituição familiar é, portanto, uma parte importante para a nova estrutura da sociedade moderna por consolidar o sistema burguês e também para produzir o gosto pela leitura, já que tal atividade é adequada ao contexto de privacidade voltado à vida doméstica (LAJOLO, ZILBERMAN, p. 26, 2019).

Na sequência da leitura do questionário, caberia destacar que algumas respostas indicavam não praticar a leitura de livros, mas consumir outras formas de leitura:

Todos os dias leio na internet, basicamente é isso. Literatura não é o meu forte, mas às vezes acontece de ler algum livro que aparece e desperta a curiosidade. (respondente 5)

Leio mais notícias sobre tecnologia e coisas de nerd. (respondente 39)

Algumas pessoas frisaram que a leitura é uma parte importante em suas vidas, reforçando a paixão que tem por ler:

Intensa, diária, integradora, síntese de autoconhecimento. (respondente 7)

Essencial para minha vida. (respondente 9)

É uma parte importante em minha vida, pois é meu momento de descontração e reflexão. (respondente 48)

Tive curiosidade em saber como é a organização do tempo destinado para a leitura semanalmente: 25 dos respondentes disseram reservar um momento para ler, 27 disseram que não dispensam tempo para isto, alguns acrescentaram que devido ao trabalho não conseguem dedicar parte do seu dia para ler:

Hoje não consigo como antes por conta da carga horário de trabalho. (respondente 52)

A frequência com que leem é bastante variada, o enfoque desta pergunta era sobre a regularidade com que os entrevistados entram em contato com textos que não sejam acessados via redes sociais. Apenas 8 pessoas disseram ler todos os dias, 16 responderam ler com frequência, no entanto não todos os dias, 6 nunca leem e

outras respostas justificaram ler somente aos finais de semana:

Textos acadêmicos todos os dias, por prazer costumo ler aos finais de semana, mas não é sempre que consigo. (respondente 9)

Alguns citaram ler mais notícias e informações com mais regularidade, entretanto, através de meios digitais:

Não tenho tido tempo. Tenho lido reportagens, artigos científicos e acadêmicos, mas todos disponibilizados de forma on-line, em plataformas de compartilhamento de redes sociais em mensagens. (respondente 29)

Quanto à pergunta se a disponibilidade de tempo afeta a leitura, 13 respondentes escreveram não sentir que a disponibilidade de tempo afeta a sua leitura e acrescentaram ter tempo para ler, porém, alguns disseram que se organizassem melhor o dia sobraria tempo para a leitura, 39 respondentes disseram sentir-se afetados, e a maioria acrescentou que devido ao trabalho não conseguem parar para fazer leituras ao fim do dia:

Sim, trabalhando muito e o pouco tempo que tenho descanso. (respondente 16)

Comparo com minha adolescência. Quando eu tinha tempo conseguia finalizar um livro em um dia ou dois. Agora fico feliz de conseguir finalizar um ou dois livros por mês. (respondente 23)

Sim, como tenho a leitura no meu lazer, quando tenho pouco tempo e a leitura é mais densa, acaba me causando sensação de lentidão, de demora, de problema com leitura, às vezes até a famosa ressaca literária. (respondente 26)

Demais, mesmo com muita vontade e interessada a ler minha rotina é muito corrida, no final do dia ao tentar pegar um livro estou extremamente cansada ou com tarefas da casa e pessoais para dar a atenção que não foi possível dar no meu tempo de trabalho, isso acaba me fazendo ler menos. (respondente 52)

Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é uma função social, para qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades

econômicas (LAJOLO, ZILBERMAN, p. 24, 2019). Através das afirmações dos entrevistados, ocorre-me algumas questões: É sabido o quanto a leitura é importante no período escolar, mas e depois? Como fica nosso momento de leitura que antes era exigido e necessário? Por que a leitura só é priorizada durante a fase escolar? Quais são os esforços coletivos feitos para que seja mantida a comunidade de leitores?

“Não é a pessoa do outro que me é necessária, é o espaço,” (BARTHES, p. 9, 2015) refletindo sobre as repostas das perguntas acima, os respondentes disseram, de modo geral, ter uma boa relação com a leitura, mas quanto o tempo que dedicam para ler, mais da metade constatou não organizar tempo para ler durante a semana, justificando que a rotina de trabalho impossibilita tal dedicação.

Apenas o ato em si de ler não importa, em consonância com Sociedade do Cansaço, a pressão por uma ocupação constante, não ter tempo para dedicar à leitura revela um conflito entre o desejo de ler x o sujeito de desempenho diante das exaustivas demandas hiperativas que enfrentamos.

Quando perguntados sobre as atividades realizadas no tempo livre, as repostas dos entrevistados são variadas, incluindo jogos, filmes, passeios, uso no celular, ir à igreja etc. Em 21 das repostas, a leitura aparece como atividade de lazer, a maioria das repostas considera que a leitura pode fazer parte deste momento:

Sim. Como gosto de ler desde criança, sempre vi a leitura como entretenimento. (respondente 3)

Sim, em relação à igreja, seria a leitura bíblica. (respondente 12)

Sim, tento cada vez mais trazer a leitura para momentos de lazer por saber da sua importância e também para não ficar o tempo todo no celular, como um momento de interação comigo mesmo e para ajudar na criatividade. (respondente 51)

É interessante notar a presença da igreja como instituição de influência sobre a leitura. Ao olhar a história da construção do leitor, no mundo ocidental, mas principalmente no Brasil, ela é intrínseca à ascensão do capitalismo, uma vez que, durante o século XVIII, período da revolução francesa, aconteceu também a ampliação e o crescimento do mercado dos livros, a difusão da escola e a valorização

da família como frutos da burguesia, a fim de combater o feudalismo. Também para formar indivíduos moralmente 'bons' fazia-se propagação da leitura da bíblia como norteadora para a formação de valores. Poderíamos pensar que essa prática de leitura tem um objetivo pedagógico bastante específico, há uma orientação e uma determinação nesse tipo de leitura. Existem valores específicos que são esperados que os leitores aprendam em suas práticas. Cabe abrir uma discussão sobre a prática de leitura escolar: o quanto nossas práticas enquanto docentes dão abertura para que, do ato de leitura, aconteça nos estudantes uma transformação, porém uma transformação não controlada pelos docentes, mas acontecida desde a relação mais livre dos estudantes com o texto. Ou seja, nossas práticas em sala de aula dão margem para leituras abertas desde o objetivo de que os estudantes assimilarem valores específicos, mensagens, morais ou criamos práticas de formação de leitores aptos a criarem seus próprios valores desde os textos lidos?

Quando perguntados se consideram que a leitura de livros ajudaria a relaxar ou controlar o estresse causado por outros fatores como trabalho, dos 52 entrevistados, 48 afirmaram que sim:

Com certeza, não ter o costume de ler é algo que me afeta, provavelmente eu dormiria melhor se tivesse um livro para ler sempre antes de dormir, dizem ser algo relaxante e que ajuda e eu acredito nisso. (respondente 1)

Sim. Acredito que ler seja uma forma de relaxar a mente e entrar em consenso com sua consciência. A leitura não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma busca por autoconhecimento, desenvolvimento e aprofundamento. (respondente 50)

Ajudaria sim, ler te deixa muitas vezes parado no tempo (não de maneira ruim) te faz aproveitar o tempo de uma maneira diferente e até mesmo exercitar a mente. (respondente 49)

Sem dúvidas, leva você a explorar diversas realidades. No meu caso ajuda até na insônia! (respondente 21)

Diversas respostas abordaram a leitura como fuga da realidade e percepção de outras dimensões, a leitura como uma viagem, para explorar outros mundos e vivências. Um respondente declarou que algumas leituras podem estressar mais,

como leituras de filosofia, e outro respondente afirmou que a leitura não ajuda, pois se sente inquieto enquanto lê.

Desde o lugar da formação de leitores, cabe problematizarmos a ideia de que a leitura se reduziria a uma atividade feita “para relaxar”, considero que ler pode nos causar sentimentos conflitantes, como o incômodo (embora eu ache que também há prazer no incômodo ao ler), e não apenas uma leitura passiva, o que podemos chamar de fruição, onde tudo se perde integralmente (BARTHES, p. 48, 2015), onde nos confrontamos com perspectivas desconfortáveis, nossos valores entram em crise, sou ferida e/ou seduzida pelo texto.

A pergunta talvez leve a um caminho em que se possa pensar na leitura entre tantas coisas que ela pode ser, como um momento de contemplação e desaceleração, como uma afronta ao mundo descrito por Han, uma nova forma de andar, um movimento desviante, um dançar em meio correria: Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio de desempenho (HAN, p. 32, 2015). A prática da leitura sendo parte constitutiva de nossas vidas tornam-se um ato de resistência contra um sistema que exige de nós produções imediatas que continuem mantendo a roda do capitalismo girando.

Um das perguntas buscava saber em uma escala de zero à dez, o quanto os entrevistados consideram que a leitura faz parte de suas vidas, entre 52 pessoas, nenhuma delas atribuiu valor abaixo de 4, e 19 dos respondentes deram 10, o que me parece indicar que, de alguma forma, todos os entrevistados reconhecem que a importância da leitura em suas vidas, seja por meios digitais ou físicos, e ter este dado é esperançoso para que possamos continuar re(pensando) e lutando pela práticas de leitura.

Ainda sobre os números apontados na pergunta

Nota 4: 5 respondentes

Nota 5: 2 respondentes

Nota 6: 2 respondentes

Nota 7: 10 respondentes

Nota 8: 10 respondentes

Nota 9: 9 respondentes

Nota 10: 19 respondentes

A última pergunta questionou sobre o que os entrevistados acham que precisaria ser feito para que a leitura tenha mais espaço na vida cotidiana dos brasileiros, a maioria das respostas frisou a importância de incentivar a leitura desde a infância, não somente nas escolas, mas dentro do âmbito familiar também. Diversas respostas defendem que para um acesso democrático aos livros, seria necessário reduzir os preços:

Valores de livros mais acessíveis para a população, e mais incentivo à leitura nas escolas e incentivo dos pais. (respondente 23)

Primeiro diminuir o valor dos livros que estão absurdos, segundo o incentivo à leitura precisa ser maior, nas escolas, em casa, na rua, em todos os lugares, a leitura precisa de vista como algo bom e não chato. (respondente 25)

Possibilitar mais bibliotecas públicas; construir Políticas Públicas de incentivo à leitura desde pequenos; promover campanhas que afastem crianças, adolescentes e adultos das telas e incentivem a leitura. (respondente 7)

Ler enquanto um ato, pode ser individual, mas a leitura enquanto prática comum a uma sociedade é um desempenho social, que exige mobilização coletiva para que haja incentivo e tempo de contemplação. Contudo, vale lembrar que, em suas formas mais modernas, a propagação da leitura depende ainda de uma valorização positiva do lazer, já que os livros constituíram uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento (LAJOLO e ZILBERMAN, p. 26).

Incentivar desde a fase do primário até o ensino médio já ajudaria muito, a conscientização que a leitura pode sim mudar vidas de alguma forma seria algo muito importante. (respondente 1)

Primeiro, as crianças devem gostar de ler. E o melhor caminho para isso é aprender com exemplos em casa. Nesse caso, os pais. Se uma criança é acostumada com pais que vivem no celular, nas redes sociais, dificilmente irão se interessar em pegar um livro. Segundo, ler o que se gosta. A maioria das pessoas que eu conheço e que querem começar a ler mais pesquisam futuras leituras na lista de mais vendidos. Essa lista serve apenas como parâmetro mercadológico, até porque não se chama "lista dos mais lidos". A maioria dessas pessoas também se frustram quando não encontram nessas listas nada que desperte seu interesse, e acabam por achar que não gostam de ler. Terceiro, menos tempo nas redes sociais, leia longe do seu celular. (respondente 3)

Este comentário leva-me novamente à *Formação da Leitura no Brasil*, pensando no livro como uma mercadoria. A síntese do que é ser leitor na história começou a surgir a partir da criação de sociedades burguesas, em que tudo pode ser mercantilizado, incluindo a leitura, que passa a ter seu próprio espaço de mercado. O leitor enquanto materialidade histórica e a leitura como prática coletiva é historicizado a partir dessa sociedade de recorte burguês (LAJOLO e ZILBERMAN, 2019, p. 27). É nesse contexto de expansão capitalista que o livro enquanto produto se solidifica, e esse leitor material agora é visto como um número dentro do sistema, passível de ser estudado. O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa. Os leitores, para o sistema capitalista, são produtos, contudo, ainda são sujeitos com gostos pessoais específicos, é um sujeito dotado de gostos, desejos e vontades, a quem cabe seduzir e convencer (LAJOLO e ZILBERMAN, 2019, p. 27).

Antonio Candido, no ensaio *Direito à literatura* (2011), defende que a literatura em sua forma mais ampla (toda manifestação artística) deve ser considerada um bem fundamental à existência humana, o que não é uma defesa exclusivamente dele, parece até banal reforçar que a leitura deve fazer parte das nossas vidas, e mais do que isso, ser considerada um direito básico, e é notável nas respostas que há a

urgência e um pensamento coletivo da necessidade de que ler deve ser um motivo de luta.

Sistematicamente há um desincentivo pela leitura, pois é colocado (muito pela lógica capitalista), em primeiro lugar, o trabalho e a busca por estabilidade. Além disso, a iniciação pela leitura pode começar no ensino fundamental, as muitas vezes são impostos livros que não são de interesse do aluno ou muito complexos para essa idade, o que acaba por afastar potenciais leitores. (respondente 48)

Parece-me impossível pensar no ato de ler como uma atividade coletiva sem pensar no sistema capitalista, e o lugar que a leitura e a literatura ocupam na vida dos sujeitos, que, apesar de os livros serem um produto comercial, ainda assim há relatos em que há um sentimento de falta para a apreciação da leitura, negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, p, 188, 2011), ainda em conversa com Candido, quando pensamos em uma sociedade mais justa e igualitária é que o espaço para a contemplação da arte como um todo passa a ser mais democrático e visto como um direito humano.

A redução da carga horário de trabalho foi citada em algumas respostas como uma alternativa, o sujeito da sociedade do cansaço decai para o nível do trabalho, que defendido por Han, tem relação com uma carência de ser: A sociedade do trabalho e a sociedade de desempenho não são uma sociedade livre, há uma ilusão de liberdade, que faz os indivíduos acreditar que são livres e terem tempo para o lazer, o que acontece é o caminho contrário, nessa interação, o sujeito de desempenho torna-se escravo do trabalho, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro, e vigia, vítima e agressor (HAN, p. 47, 2015).

Uma rotina menos trabalhosa, visto que nas condições de vida atualmente, se deslocar entre condução, trabalho e retorno pra casa, demanda muito tempo e cansaço. (respondente 18)

Diminuição da jornada de trabalho já que o Brasil é um dos poucos países onde se trabalha 2 turnos e ainda estuda no terceiro. Aumento de estímulo das escolas no início do

aprendizado com livros com simbolismos mas simples e acessível e gradualmente deixando-os mais "complexos" e maduros. (respondente 44)

Outro fator apontado por alguns respondentes é o uso do telefone celular como um empecilho para que a leitura tenha mais espaço na vida dos indivíduos:

Gestão pessoal de tempo, todos conseguem tirar parte do dia para ler, mesmo que seja apenas uma hora. Sair um pouco das redes sociais, ler junto com alguém ou participar de algum grupo de leitura. (respondente 32)

Sob à luz da sociedade teorizada por Han, o uso de dispositivos móveis, redes sociais, atenção fragmentada, e a profusão de estímulos e informações, são exemplos que sintetizam a dinâmica de funcionamento de época de violência neuronal e a rejeição ao tédio e ao estado de contemplação.

A concepção de que a leitura é chata (ideia abordada por um dos respondentes como forma de incentivo a leitura) faz parecer que a leitura é uma parte solta e sem espaço na vida cotidiana, a leitura está presente em todos os lugares, mesmo que as pessoas afirmem não gostar, ler em redes sociais também é ler. Ou talvez esta associação leve em conta a literatura como única forma de leitura, o que também seria errôneo considerar a literatura como um objeto distante, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, p. 176, 2011).

A desmistificação de que leitura é algo chato, que só tem livros sobre assuntos desinteressantes. Que ler um livro não é um dever de casa, que pode ser tão interessante quanto um filme do mesmo assunto. Que as escolas parem de fazer com que ler um livro seja uma coisa ruim e chata. (respondente 30)

“O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja” (BARTHES, p. 11, 2015). Como pontuou o respondente acima, o texto pode ser tão gostoso e desejante quanto ver um filme, o texto passa ser esse objeto fetiche, sendo ser parte vibrante de nossas vidas.

O brio do texto seria a sua vontade de fruição: Lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice, e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram grandes ondas (BARTHES, p. 20, 2015).

O questionário surpreendeu-me positivamente pelo número alto de pessoas que demonstraram ter envolvimento com a leitura, mas, principalmente pelo desejo dos respondentes em construir uma relação com o ato de ler, no entanto, por conta das barreiras sistêmicas apresentadas por Byung-Chul Han, cria-se um abismo entre a relação dos indivíduos contemporâneos com a prática efetiva da leitura como parte fundamental dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino esta jornada com a sensação de não término, com diversos questionamentos que tive durante a escrita, e nenhuma resposta conclusiva. Penso que o que fiz até aqui foi um movimento de, como trago no título, manter a chama viva da leitura. Essa chama segue viva, contudo, almejo e desejo uma sociedade que mantenha mais do que a chama, e sim um fogo vivo – uma fogueira.

Talvez haja um pouco de caos em toda a composição desta pesquisa, afinal, foi feita em meio ao caos de viver na época de atenções fragmentadas, que, enquanto eu lia e escrevia sobre *Sociedade do Cansaço*, eu me via retratada como o sujeito de desempenho ou sujeito multitarefado ou sujeito de atenções instantâneas e frenéticas.

Paralelamente, Roland Barthes, em *O Prazer do Texto*, defende o prazer e a fruição de um texto não como uma mera decodificação de palavras. Defender o prazer ao ler e fruir de um texto pode ser um ato de resistência em nossa era caracterizada pela superficialidade e pela pressa.

Esculpindo-se com diálogos e ideias já preexistentes, juntando com as respostas do questionário, acredito que a relevância desta pesquisa está na possibilidade de buscar novos caminhos para a leitura, ou, transformá-los. A leitura deve ser uma chama que aquece, uma fogueira que queima, que ilumina.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge de Almeida. 1. ed. São Paulo: editora 34, 2003.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BEI, Aline. **O Peso do Pássaro Morto**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CORTÁZAR, Júlio. **Histórias de Cronópios e de famas**. Tradução: Glória Rodriguez. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PIGLIA, Ricardo. **O Último Leitor**. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.